

# O combate na ilha da Redenção

Luciano Rocha Silveira\*

*A história é testemunha do passado, luz da verdade,  
vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos!*

MARCUS TULLIUS CICERO

POLÍTICO - ORADOR - FILÓSOFO

03 JAN 106 A.C. - 07 DEZ 43 A.C.

## A ilha da Redenção

Uma ilha quase circular, de 250 braças (457 metros) no seu diâmetro maior, plana, coberta de vegetação rasteira, além de muita sarça — arbusto alto com espinhos. Essa ilha desconhecida, sem nome, sem importância, tornou-se o teatro de um combate memorável: o Exército Aliado, acampado na margem esquerda do rio Paraná; o Exército Paraguaio, na margem direita de frente para a ilha; o Forte Itapiru, distante apenas 300 braças (548 metros) da margem norte da ilha.

Com o fim de facilitar a passagem do Exército Aliado para o território paraguaio, e mais favoravelmente bater o forte de Itapiru, o general Osorio aceitou a ideia do Ten Cel José Carlos de Carvalho, chefe da Comissão de Engenheiros, de ocupar a ilha e manter uma artilharia constante contra o forte.

## A ocupação da ilha – abril de 1866

### Dia cinco

À noite, desembarcou na margem sul da ilha o chefe da Comissão de Engenheiros, para preparar o terreno e posicionar quatro canhões calibre 12 e quatro morteiros, além das trincheiras, no mais absoluto silêncio. Acompanharam o Ten Cel Carvalho, o Ten Cel Francisco Joaquim Pinto Pacca, comandante do 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, o Maj José Martini, comandante do contingente do 14º Batalhão de Infantaria de Linha, o Cap Francisco Antonio de Moura, comandante da 1ª Bateria do 1º Batalhão de Artilharia a Pé (1ª Bia/1º Btl Art a Pé), Cap Basílio de Amorim Bezerra, comandante do contingente do Batalhão de Engenheiros (Btl Eng), Cap Antonio Tibúrcio Ferreira de Sousa, comandante da bateria de morteiros e, no comando da Guarnição (19ª Brigada), o Ten Cel João Carlos de Villagran Cabrita. Totalizavam o efetivo na ilha 900 homens prontos e treinados para o combate, en-

\* Cel Eng (AMAN/71), mestre em Operações Militares (EsAO/81), pós-graduado em Docência no Ensino Superior (Faculdade São Luís/94) e assessor especial do Departamento de Engenharia e Construção.

tre os mais aguerridos, salientando que eram apenas combatentes brasileiros.

Antes de amanhecer o dia, o terreno com escavações e sacos de areia estava quase pronto, e a artilharia, posicionada.

### **Dia seis**

Os paraguaios foram surpreendidos, ao amanhecer o dia, vendo que a ilha — território pátrio — estava ocupada e, imediatamente, sob o comando do Ten Cel José Eduvigis Diaz, rompeu fogo do Forte Itapiru sobre a ilha da Redenção; responderam-lhe os nossos, erguendo-se, nesse momento pela primeira vez, o estandarte brasileiro em território guarani. Naquele dia, da ilha foram disparados 164 tiros de canhão. A organização do terreno foi concluída ainda pela manhã sob fogo inimigo.

### **Dia sete**

O inimigo não se contentava com a ocupação da ilha, pois considerou uma grande ousadia sob as abas da muralha de seu forte, e continuou bombardeando e metralhando a tropa de Villagran. Nesse mesmo dia, nossa artilharia conseguiu destruir todos os merlões do forte e um canhão 68 (canhão inglês de sessenta e oito libras de calibre). A bateria disparou 54 tiros.

### **Dia oito**

A artilharia, da ilha, disparou 46 tiros abrindo uma grande brecha no forte de Itapiru. Terminada a jornada desse dia, foram contabilizadas quatro baixas na tropa brasileira (dois soldados mortos e dois feridos).

### **Dia nove**

O forte inimigo foi severamente castigado, agora em outra posição, por mais de

54 tiros sobre as tropas paraguaias, e o forte foi severamente atingido em outra posição. O Gen Osorio resolve substituir a tropa que ocupara a ilha, mas a guarnição solicita autorização para permanecer em combate até a vitória final.

### **Dia dez**

Às quatro horas da manhã, uma força guarani, composta 1.200 homens, mais de 186 praças de degoladores, em 50 canoas, partiu do Forte Itapiru com o objetivo retomar a ilha da Redenção. O plano inimigo era envolver a ilha pelos flancos e liquidar a guarnição brasileira. O Cap Juan Mateo Romero, à frente de 400 soldados, liderou o ataque.

Villagran, alertado por um dos vigias, subiu às trincheiras e logo percebeu o plano paraguaio. Imediatamente encarregou o Cap Tiburcio de defender o flanco esquerdo; determinou a ocupação da zona central de sua posição pelo 14º Batalhão de Infantaria de Linha (14º BI Linha) e pelo 7º Corpo de Voluntários da Pátria (7º CVP); e se posicionou no flanco direito, o que lhe proporcionava uma observação sobre o centro de sua defesa.

Cabrita ordenou tiros de canhão no ângulo direito da bateria da direita e dois tiros de metralha; não obteve êxito — o inimigo estava encoberto pelas sarças, além da escuridão. Mas estavam lá, avançando ilha adentro.

Villagran comanda uma carga de baionetas à frente de 150 soldados do 7º CVP, do 14º BI Linha e do Batalhão de Engenheiros, aos brados de: VIVA A NAÇÃO BRASILEIRA! VIVA O IMPERADOR! O combate tomou um aspecto medonho; com as armas em punho, os brasileiros avançaram contra o inimigo e, em breve, o combate corpo a corpo

teve início, para surpresa do inimigo. Nossos soldados, desejosos de conservar o posto militar que haviam ocupado, combatiam com tenacidade e heroísmo, não os detendo nem os gemidos dos feridos, nem o arquejar dos moribundos, nem os cadáveres daqueles que caíam em defesa da pátria. Ficou a terra ensopada de sangue dos soldados inimigos, que, apesar de terem combatido com uma tenacidade indômita, tiveram de recuar, muitos se jogando no rio vindo a se afogar, e outros galgando as canoas, que eram metralhadas pela nossa defesa.

O dia amanhecia, e a luta ainda continuava, quando o vapor Henrique Martins, sob o comando de Jeronymo Gonçalves, tomou a iniciativa de se interpor entre a ilha e o forte Itapiru — abriu fogo contra as embarcações paraguaias. Foi um alívio para a tropa de Cabrita, para quem, sem

aquele apoio, seria mais difícil a vitória. O Henrique Martins foi atingido por balas de canhão, no entanto seu habilidoso comandante soube muito bem manobrar o vapor para não ir a pique. Os vapores Greenhalgh e Chuy imitaram a manobra do Jeronymo e desbarataram completamente o inimigo, de sorte que se supõe que nem um só dos soldados paraguaios voltou ao seu acampamento.

Às seis horas, estava o combate concluído; recolheram os nossos como troféus mais de setecentas espingardas com avultada munição, grande número de espadas e quatorze canoas. O inimigo deixou no campo de batalha 642 mortos, 62 prisioneiros (apenas 16 ilesos) além dos afogados e os que pereceram nas canoas. Entre os prisioneiros, o Cap Juan Romero.

As baixas brasileiras estão discriminadas na **Tabela 1**.

ORGANIZAÇÃO MILITAR	MORTOS		FERIDOS	
Batalhão de Engenheiros	SOLDADO	5	SARGENTO	1
Bateria de Morteiros	SOLDADO	2	SOLDADO	4
1ª Bateria do 1º Batalhão de Artilharia a Pé	CADETE	1	SOLDADO	1
	CADETE	1	MAJOR	1
1º Batalhão de Infantaria de Linha	SARGENTO	2	ALFERES	1
	CABO	1	CABO	2
	ANSPEÇADA	1	SOLDADO	53
	SOLDADO	24		
7º Batalhão de Voluntários	SOLDADO	12	CAPITÃO	1
			TENENTE	1
			SOLDADO	30
Subtotal de mortos e feridos		49		95
Total das baixas				144

Tabela 1 – As baixas brasileiras

Fonte: Ordem do dia de 10 de abril de 1866

## O regozijo dos brasileiros

Declarada a vitória, houve, no acampamento, um contentamento geral, com brados de júbilo e saudação. Villagran Cabrita e aqueles oficiais que mais se distinguiram eram vivamente aclamados e festejados pelos soldados. Mesmo ainda ameaçados pelas baterias do Forte de Itapiru, subiam nas trincheiras e bradavam: VIVA A NAÇÃO BRASILEIRA!

Oficiais e praças portaram-se com denuedo e valentia; entre todos excedeu-se Villagran, cuja coragem e intrepidez não vacilou no transe mais arriscado do perigoso combate; apesar de ver cair morto junto a si o cabo Joaquim Francisco da Conceição e de ser ferido no rosto, continuou a se expor às balas, se recusando a ser levado para a retaguarda em face dos ferimentos sofridos.

O Ten Cel Pinto Pacca, Maj Martini, Cap Tiburcio, Cap Moura e o Cap Amorim pelejaram com extremado valor. O Cap Santos Camargo mostrou coragem e sangue-frio ao enfrentar 400 homens com apenas 84 praças de sua guarnição avançada. O Cap Fortunato patenteou grande valentia em combate corpo-a-corpo com um oficial paraguaio, matando-o, ficando ferido em uma perna. O 2º Ten Mourão Pinheiro saltou a trincheira e, à frente de alguns soldados, repeliu o inimigo até o rio. O 2º Sgt Telesphoro foi o primeiro a atirar contra o inimigo e, mesmo ferido, continuou a bater-se nas trincheiras. O segundo cadete Torres foi um dos mais corajosos e intrépidos nas horas de combate — “Morreu como um leão!”, lembrou Villagran pouco antes de ser atingido. O 1º Sgt Graça e Silva, Cb Rangel, Cb Azambuja e Cb Moura manifestaram decidida coragem, principalmente, em lutas corporais.

## O reconhecimento da vitória

Gen Osorio mandou um emissário cumprimentar Villagran pela vitória; o Gen Mitre, presidente da Argentina e comandante das Forças Argentinas, felicitou, em Ordem do Dia às Armas Aliadas, pelo glorioso triunfo escrevendo: “Honra e glória aos valentes da ilha em frente ao Itapiru”.

O combate fez o inimigo compreender que tinha de lutar com um povo forte e destemido. Foi uma das primeiras vitórias que ilustraram as armas do Império do Brasil.

Dirigindo-se, em ordem do dia, ao Ten Cel Pinto Pacca, disse o Cap Moura:

É minha opinião inabalável que não houve nunca soldado que mais fizesse do que os da guarnição d'esta ilha; soldados que, depois de quatro dias de bombardeamento vivo, suportando toda sorte de incommodos e privações, acabrunhados de fadigas, elevam tão alto a bandeira nacional, merecem toda a consideração e respeito dos seus concidadãos. Eu direi sempre com orgulho que comandeí uma bateria no dia 10 de abril de 1866, na ilha de Itapiru.

## A morte do Herói

Recolhendo-se a uma chata colocada entre a ilha e o nosso acampamento, com o seu secretário, o alferes Woolf, o ajudante Ten Carneiro da Cunha e o Maj Sampaio, que, em um pequeno vapor, viera felicitá-lo pelo triunfo alcançado, redigia Villagran, inebriado de alegria, a ordem do dia que devia comemorar o feito que o imortalizara, quando uma granada disparada do forte, penetrou na chata e matou-o instantaneamente, decepou as pernas do alferes

Woolf, despedaçou o corpo do Maj Sampaio e feriu gravemente no rosto e na cabeça o Ten Carneiro da Cunha, que depois de meses no hospital sobreviveu à trágica hostilidade. Era por volta de dez horas da manhã.

O comandante das tropas paraguaias, marechal Solano López, logo que soube da morte do comandante da ilha paraguaia ocupada ou por mostrar magnanimidade de caráter e sentimentos religiosos, mandou celebrar uma missa no Passo da Pátria, com a presença obrigatória de todo o seu estado-

-maior e lido um elogio ao herói Villagran Cabrita. Pregava Solano López: *"El vencedor no es el que queda com vida em el campo de batalla, si no el que muere por uma causa bela"*.

Ten Cel Villagran Cabrita e o Alferes Woolf foram sepultados na margem esquerda do rio Paraná, em frente à ilha da Redenção; foi colocado sobre seus jazigos algumas pedras para servirem de marco, mas as enchentes sucessivas do rio destruíram esses vestígios. Hoje não se sabe ao certo o lugar onde adormeceram do sono dos fortes esses heróis da Pátria. [1866]

## Referências

Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XXXIII, Parte Segunda – O Combate da ilha do Cabrita - Memória lida em 8 Out 1869.

Chonica nº 2 – Principais Acontecimentos Concernentes à Actual Guerra do Paraguay, Segunda Parte – Janeiro a Junho de 1866.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.